



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA
CAMPUS DE LARANJEIRAS

**OS ANIMAIS NAS CERIMÔNIAS E RITUAIS TRADICIONAIS EM MAROBO,
TIMOR-LESTE: UMA CONTRIBUIÇÃO ETNOZOLÓGICA PARA
ZOOARQUEOLOGIA**

ROMEU SOARES DA SILVA

Laranjeiras/SE

2018

ROMEU SOARES DA SILVA

**OS ANIMAIS NAS CERIMÔNIAS E RITUAIS TRADICIONAIS EM MAROBO,
TIMOR-LESTE: UMA CONTRIBUIÇÃO ETNOZOOOLÓGICA PARA
ZOOARQUEOLOGIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito básico para a conclusão do Curso de Bacharelado em Arqueologia.

Orientador: Prof. Dr. Alberico Nogueira de Queiroz

Laranjeiras/2018

ROMEU SOARES DA SILVA

**OS ANIMAIS NAS CERIMÔNIAS E RITUAIS TRADICIONAIS EM MAROBO,
TIMOR-LESTE: UMA CONTRIBUIÇÃO ETNOZOOOLÓGICA PARA
ZOOARQUEOLOGIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito básico para a conclusão do Curso de Bacharelado em Arqueologia.

Data de defesa : 05 de março de 2018

Resultado :

Banca Examinadora :

Prof. Dr. Albérico Nogueira de Queiroz

Prof. Dra. Olívia Alexandre de Carvalho

Prof. Dr. Hugo Maia Andrade

Agradecimentos

Foram muitas lutas e aprendizagens, acompanhado pelas dificuldades, barreiras, angústias e frustrações. Foi uma trilha cujo caminho esburacado, cheio de espinhos, noites curtas e dias sonolentos. Em alguns momentos a vontade que tinha, era voltar atrás. Felizmente essa vontade não falou mais alto do que o desejo de continuar a seguir em frente. E esse desejo vem primeiramente graças a Deus, que sempre me acompanhando ao longo desta caminhada e com sua infinita benignidade, me ensinou a ter confiança e convicção Nele de que tudo iria dar certo.

Dou graças a Deus, pelos seus aconselhamentos e consolos manifestados nas Suas palavras, nas horas difíceis. Meus agradecimentos também a saúde que tem dado a mim e aos meus familiares o qual me tira a preocupação mesmo estando longe deles. Agradeço também a inteligência e sabedoria concedidos ao longo do caminho e que me permitiram a passar por cima dos problemas para chegar no lugar onde estou hoje.

Aos Ministérios da Educação do Brasil e do Timor-Leste, principalmente ao Secretário do Estado da Arte e Cultura de Timor-Leste (SEAC) e o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) por me oferecerem a oportunidade para estudar aqui no Brasil, e aos adidos, membros da delegação do governo Timor-Leste para cuidar dos assuntos estudantis timorenses aqui no Brasil, e aos coordenadores do PEC-G na Universidade Federal de Sergipe, a professora Geovania e a Professora Fernanda, os meus agradecimentos.

As pessoas mais importantes da minha vida, os meus heróis, meus presentes de Deus, os meus pais; Domingos da Silva e Teresa Soares, meus irmãos e irmãs. Os quais em momentos da luta sem o acompanhamento deles por perto, mas nas raras conversas via redes sociais sempre me consolando, dando força, e me abrir a mente a saber e ver a realidade de quanto sou importante e responsável não apenas para família, mas também para as pessoas ao redor e para o meu país, Timor-Leste. Aos seus cuidados e amor incondicional e ensinamentos que me foram e ainda serão como exemplos a serem seguidas na vida. E sou muito grato pelas suas orações e preocupações que me fizeram para ter mais cuidados por onde eu pisar. Meus agradecimentos

pelas suas orações, que nunca faltaram em mencionar meu nome para que Deus possa tomar conta de mim durante toda minha estadia longe deles.

Aos meus amigos da Universidade Nacional de Timor-Leste (UNTL) que sempre me motivaram e dando incentivos nos momentos que eu mais preciso.

Ao AIESEC e pela experiência proporcionada, a amizade e as aprendizagens que me faz a enxergar o mundo de uma maneira diferente, e ao mesmo tempo me ajudou a moldar a minha personalidade e meu crescimento.

Aos meus amigos e colegas da turma de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe, pelas companhias durante os momentos de dificuldades onde enfrentamos junto desde os primeiros períodos (os difíceis períodos) pela paciência que tiveram comigo em explicar detalhadamente o significado de cada palavra, a interpretação dos textos, e nos princípios foram meus tradutores da língua árabe, estou dizendo árabe porque nas minhas primeiras aulas, eu só escutava os professores e os colegas da turma falando árabe, só poderia ser, pois se fosse português eu entenderia. Agradeço também pelos esclarecimentos das gírias e palavrões pois isso me ajudou muito nas convivências e interações sociais diárias.

Ao corpo docente do departamento da Arqueologia pela ensinamentos e sabedoria de nos transmitir os conhecimentos que me abriram os olhos para entender o mundo principalmente a cultura da sociedade (sem restrição de tempo) numa ótica científica. Meus agradecimentos também aos meus professores que durante as aulas perceberam as minhas limitações e fizeram questão de repetir as explicações e habilidades de encontrar os meios adequados para que eu pudesse entender os assuntos tratados.

Minha imensa gratidão ao meu orientador, professor Alberico Nogueira de Queiroz por ter me acolhido, ensinado e pela paciência e horas a fio passando por inúmeras orientações e direcionamento para que este trabalho pudesse ser concluído.

A Cris pelos cuidados, amor, carinho, atenção, suportes e paciência para comigo durante o período de desenvolvimento deste trabalho, gratidão.

Aos meus primos e amigos conterrâneo que me deram apoio e por me enviar informações e materiais fotográficos sobre os assuntos relacionados aos rituais e cerimônias tradicionais que ajudam na composição neste trabalho.

À família de pastor Ribamar, Missionária Rosa Cleide e toda família da Igreja Pentecostal Unida do Brasil, meus agradecimentos aos acolhimentos que me fizeram sentir como um membro dessa família, e foram os que sempre me deram os abraços e apoio quando eu necessitava. Agradeço também a cada um pelas incessantes orações para que eu tivesse coragem e possa terminar este trabalho com sucesso.

Aos meninos timorenses, Olívia, Paulo, Sergio e Tavianio pela convivência e amizade, os quais foram os melhores companheiros durante este período de luta.

E finalmente aos que não foram menos importantes os meus amigos, companheiros e irmãos, Leandro, Francisco e Everton. Pelos 3 longos anos de convivência e compartilhamento e sempre juntos nas superações e busca de soluções. A imensa gratidão ao Everton, que foi para além de ser um amigo, um irmão ou melhor dizendo um pai, que sempre me deu broncas, correções e direcionamentos sempre que necessário. Agradecimento também pela paciência de me suportar nas teimosias e desobediências, pois, certamente sem ele não sei dizer como seria eu hoje.

A todos que de alguma forma direta ou indireta contribuiu com a realização deste trabalho, sobretudo, com a minha estadia aqui em Sergipe-Brasil durante estes 5 anos.

“Não fui eu que te ordenei a você? Seja forte e corajoso! Não se apavore nem se desanime, pois, o Senhor, o seu Deus, estará com você por onde você quer andar”

Josué 1:19

Resumo

Este trabalho se propõe a estudar sobre as práticas culturais principalmente sobre os rituais e as cerimônias praticadas pelos timorenses. Uma vez que, essas práticas foram feitas como um meio de consolidar o relacionamento entre os vivos e os ancestrais que compartilham o mesmo espaço, e o relacionamento e interação com a natureza a partir dos rituais. Sendo assim, objetiva-se também entender a importância dos animais nos rituais tradicionais no Timor-Leste, tendo informações etnozoológicas como ferramenta para futuras investigações zooarqueológicas. Além disso, levantar e avaliar informações sobre a importância da representação dos animais dentro do contexto ritual; Discutir e entender a realização de rituais, apontando as diversidades existentes no contexto cultural; e finalmente, apontar o sentido e a simbologia dos animais utilizados na cerimônia de construção das casas sagradas de acordo com os vestígios ósseos encontrados e nos demais rituais praticados dentro da comunidade.

Palavras chaves: Casa Sagrada, Animais, Rituais e Cerimônias tradicionais.

Abstract

This work aims to study cultural mainly about rituals and ceremonies practiced by East-Timor people. Once, these practices were made as a means of consolidating the relationship between the living and the ancestors who share the same space, and the relationship and interaction with nature by rituals. Therefore, this work also aims to understand the importance of animals in the traditional rituals in Timor-Leste by applying ethnozoological information as a tool for future zooarchaeological investigations. In addition, to raise and evaluate the information on the importance of animal represented within the ritual context; Discuss and understand the performance of rituals, pointing out the diversity existing in the cultural context; and finally, to point out the meaning and symbolism of the animals used in traditional house inauguration ceremony according to the animal bones and horns within the house and the symbolism of animal in other rituals practiced in community.

Key Words: Traditional House, Animals, Traditional Rituals and Ceremonies.

Rezumu

Obra ida ne propõe atu estuda kona ba kultura, liliu kona ritual no cerimonia nebe'e mak hala'o husi timoroan sira. Timor oan sira hala'o tirual no cerimonia sira ne'e hanesan dalan ida atu hametin relacionamento entre ema moris no bei ala sira, nebe mak compartilha hamutuk fatin ida no hametin relacionamento no interasaun ho natureza ou rai lulik nia nai sira liu husi ritual sira. Ho nune, objetivo husi obra ida ne, atu compreende animal sira nia importância iha costume tradicional sira iha Timor-Leste liu husi utilizaun etnozoologikas hanesan ferramenta bna futuro investigasaun zooarqueologia . Além de ne, foti no avalia informasaun sira kona ba representasaun animal sira iha contexto ritual; discute no compreende lalaok ritual sira nia, aponta diversidade iha contexto cultural; no ikus liu, aponta sentidu no simbologia husi animal sira nebe'e utiliza iha cerimônia inaugurasan uma lulik nia, conforme ruim animal sira nia nebe hetan iha uma lulik, no símbolo animal iha ritual sira seluk iha comunidade laran.

Liafuan Chave: Uma Lulik, animal sira, Ritual no cerimonia tradicional sira.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01----	Timor-Leste no Mapa regional Sudeste Asiático	14
Figura 02----	Mapa do Timor-Leste e suas divisões administrativas com o distrito de Bobonaro em destaque.....	15
Figura 03----	<i>Ilat</i> (conjunto de casas sagradas) localizado no topo do monte <i>Ilat Laun</i> , Marobo	17
Figura 04---	<i>Ilat</i> “Tunu-Heru”, Suco <i>Ilat Laun</i> , Marobo, Distrito Bobonaro.....	17
Figura 05---	Um das <i>Ilat</i> em Marobo, Suco <i>Ilat Laun</i>	18
Figura 06---	Um dos <i>Ilat</i> encontrado em Suco <i>Ilat Laun</i> , Marobo.....	18
Figura 07---	As casas sagradas abandonadas em <i>Ilat Lurun</i> , Ai-Aras, Suco Soilesu-Marobo	19
Figura 08---	Casas sagradas de Marobo.....	21
Figura 09---	<i>Uma Lako</i> , e <i>Uma Timur</i> em Suco Atuaben, Marobo	23
Figura 10 a 12 ---	A casa sagrada da linhagem Elodasi, em construção	26
Figura 13---	Os chifres de cabras e mandíbulas de boi, amarrados no teto interior da casa sagrada em Marobo	27
Figura 14---	Chifre de Buffalo numa numa casa sagrada em Marobo	28
Figura 15---	Objetos de valor usados nas cerimônias de casamento tradicional.	34
Figura 16---	<i>Tais</i> , o tecido tradicional timorense.....	34
Figura 17---	Búfalo atual ocorrente em Timor Leste	38
Figura 18---	O boi Balinês em Timor-Leste	39
Figura 19---	<i>Betel</i> (folha) e <i>areca</i> (noz)	45
Figura 20---	<i>Abat</i> , <i>Hue</i> , Marobo.....	47
Figura 21---	Animais abatidos na cerimônia da inauguração do cemitério em Aiaras-Marob, casa da linhagem chamada “Bere Boten”. Foto: Rofino Resibere.....	49

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. AS CASAS TRADICIONAIS E A LINHAGEM FAMILIAR EM TIMOR-LESTE: ANIMAIS CERIMONIAIS	16
2.1 As Casas Sagradas (<i>Uma Lulik</i>).....	20
2.1.1 A construção/reconstrução da casa sagrada	24
2.1.2 Os Animais Sacrificados na Cerimônia de Inauguração de Casa Sagrada	26
2.1.3 As casas de Moradia.....	28
2.2 Linhagem Familiar	28
2.2.1 A Instituição Familiar na Organização da Sociedade, “Fetosan” (tomador da mulher) e “Umane” (doador da mulher)	29
2.2.2 Casamento tradicional (Barlaque).....	30
3. A COSMOVISÃO	35
4. HISTORIOGRAFIA DA FAUNA EM TIMOR LESTE	36
4.1 Mamíferos	37
4.2 Aves.....	40
4.3 Répteis.....	41
5. A IMPORTÂNCIA DOS ANIMAIS NAS PRÁTICAS CULTURAIS DO POVO TIMORENSE	43
5.1 Ritual de Imploração (invocação) pela chuva ou sol.....	44
5.2 <i>Tara bando</i> “costume de proibição das plantações”	46
5.3 Cerimônia de Ritual Funerário	48
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
Referências Bibliográficas	51

1. INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso em Arqueologia (TCC) versa sobre a importância dos animais nos rituais e cerimônias tradicionais no Timor-Leste. O povo timorense se manifesta culturalmente pela sua complexidade de práticas, costumes e crenças, com diversificadas cerimônias, cultos e oferendas, incluindo animais, para seus antepassados e as divindades sobrenaturais, os quais acreditam que têm o controle sobre a vida dos vivos.

Nos locais mais remotos do Timor, onde são preservados os costumes e práticas tradicionais, nota-se que as atividades cotidianas sempre se relacionam com o *lulik*, ou sagrado. A sacralidade das crenças timorenses está impregnada nos objetos dos antepassados nas casas, locais e lugares *Lulik* (sagrados) e funciona como uma lei regional, regulamentando o comportamento do dia-a-dia dentro de uma comunidade.

A influência da cultura colonial sobre a cultura timorense durante 450 anos fez com que o povo timorense agregasse sobretudo ao catolicismo: “[...] declara-se majoritariamente católico. O número de pessoas que é considerado *sarani*, (cristão/não gentio), soma 96,9% da população, conforme dados do censo de 2010” (Castro 2012). Mesmo com influência cultural dos colonizadores e invasores, os timorenses ainda, e até hoje, têm mantido sua identidade cultural e seus costumes, considerados como legados herdados dos seus antepassados. A denominação como cristão católico não restringe aos timorenses a prática dos costumes de seus antepassados.

O costume e a prática cultural da sociedade timorense foram provavelmente influenciados pelos povos das ilhas vizinhas, pois Timor-Leste, com as suas riquezas naturais (o sândalo e o mel), e devido à sua localização geográfica entre as ilhas do sudeste asiático e pacífico, sempre atraíram os comerciantes, não apenas na época da colonização. Segundo os relatos, o povo

timorense já tinha tido contato com os demais povos das ilhas vizinhas, desde antes da chegada dos colonizadores europeus. “Quando os portugueses chegaram ao Timor, a ilha encontrava-se no sistema comercial tributário regional e a sua população revelava uma grande heterogeneidade étnica, com presenças culturais com alguns povos dos arquipélagos vizinhos” (Gunn 1999 *apud* Prista 2003/2004).

Do mesmo modo, Durand (2010) e Ptak (1983, 1987) concordam que o Timor, apesar de ser uma ilha, não tinha estado “isolada” até à chegada dos europeus, dado que navegantes chineses e muçulmanos já tinham abordado às suas costas à procura de sândalo e de outras mercadorias muito antes deles (Ptak 1983, 1987 e Durand 2010 *apud* Castro 2012).

Timor-Leste foi o primeiro país do continente asiático a ganhar sua independência no início do terceiro milênio, hoje é um país legalmente reconhecido pela comunidade internacional devido a participação das Nações Unidas em comemoração à sua independência, no dia 20 de maio 2002. Antes disso, o jovem país estava sob o domínio colonial dos portugueses desde século XVI até meados do século XX, e em seguida foi invadido pelo país vizinho Indonésia em 1975, desde então foi uma das 27 províncias da indonésia, até que decidiu pela sua independência e soberania em 1999, apoiadas pelas Nações Unidas.

Geograficamente, Timor-Leste (Figuras 01) localiza-se no sudeste asiático, ao noroeste-norte da Austrália, nos arquipélagos indonésios de Alor e Sonda, cujo território de 14.874 km² ocupa apenas a porção oriental da ilha de Timor, o enclave de Oe-Cusse, a ilha de Ataúro e o ilhéu de Jaco.

Em Termos administrativos, Timor-Leste encontra-se dividido em 13 distritos: Bobonaro, Liquiçá, Díli, Baucau, Manatuto e Lautem, na costa norte; Cova-Lima, Ainaro, Manufahi e Viqueque, na costa sul; Ermera e Aileu, situados no interior montanhoso; e Oecussi-Ambeno, Enclave no território indonésio. Cada um destes distritos possui uma capital e é formado, por sua vez, por subdistritos, variando o número destes entre três e sete, numa média de cinco subdistritos por distritos.

Neste estudo, cuja área de estudo foca as comunidades do grupo etnolinguístico Kemak em Marobo.

Marobo é um conjunto de três Sucos, na língua Tétum “Suku” (Atu-Aben, Ilat-Laun e SoiLessu), os quais encontram-se inseridos no distrito Bobonaro, subdistrito Bobonaro.

O distrito Bobonaro (figura 02) está localizado na zona ocidental do país, próximo da fronteira com a Indonésia, possui 92.084 habitantes (de acordo com censo 2010) e uma área de 1.368 km². A sua capital é Maliana, que fica a 149 km a sudoeste de Díli, capital do país.

Apesar de ser pequeno territorialmente, existe uma variada heterogeneidade de culturas e mais de 30 grupos linguísticos no país. O que faz do Timor-Leste um país culturalmente rico e diversificado. Cada agrupamento linguístico tem suas próprias culturas e modelos arquitetônicos das casas tradicionais, com particularidades em praticar suas crenças locais, em que os animais compõem parte dos rituais e cerimônias, provavelmente sendo um costume ancestral.



Figura 01: Timor-Leste na figura regional Sudeste Asiático. Fonte: <http://www.cbet-timorleste.com/cbt7/geographyandclimate.html>. Acessado em 02/02/2018



Figura 02: A figura do Timor-Leste e suas divisões administrativas com o distrito de Bobonaro em destaque. Fonte: <http://noticias.sapo.tl/tetum/info/artigo/1424856.html>. Acessado em 02/02/2018.

É comum perceber que a maioria dos povos de arquipélago do sudeste asiático, particularmente em Timor-Leste, têm como base social e cultural as casas sagradas. “A casa sagrada ou casa tradicional, localmente conhecido como *“Uma lulik”* que significa casa sagrada ou *“Uma Lisan”* que na expressão portuguesa significa casa de tradição ou santuário, onde a sua guarda e manutenção é entregue a um *“catuas”* ou velho em português, e ou uma velha do clã *“férik”* em expressão nativa tétum” (Belo, 2008).

A escolha deste tema consistiu nas minhas próprias vivências no Timor-Leste e nos questionamentos que tenho tido sobre a presença e a importância dos animais nos diversos rituais e cerimônias, podendo ser ao meu ver, uma herança cultural muito antiga. A Arqueologia poderá trazer outras informações que corroborem ou motivem hipóteses sobre a ancestralidade cultural envolvendo animais em seus diversos contextos.

Apesar de tudo isso, como timorense, principalmente na visão de um Arqueólogo em formação, me sinto responsável em estudar e me aprofundar nos conhecimentos sobre os costumes do país, uma vez que, representam a características peculiares de cada grupo local, regional e nacional. Portanto, é

com o imenso prazer que desenvolvo esse estudo, para poder permitir e facilitar futuros trabalhos nesta área, pois constatei que pouco se tem discutido na literatura sobre esta temática.

Em razão das poucas referências sobre o assunto, buscamos informações em nossas próprias vivências na região de Bobonaro, fazendo uso de trabalhos antropológicos realizados no país, buscando compreender a importância dos animais nos ritos tradicionais, e apontando a diversidade singular desta cultura, sobretudo o sentido e a simbologia dos animais utilizados nos rituais de construção das casas sagradas, cerimônias de casamentos tradicionais e funerais, de acordo com a presença dos ossos animais nesses contextos.

No meu entendimento, essas informações irão subsidiar outras investigações sobre a antiguidade desses costumes, nos quais os animais possuem papel preponderante desde as suas raízes culturais.

2. AS CASAS TRADICIONAIS E A LINHAGEM FAMILIAR EM TIMOR-LESTE: ANIMAIS CERIMONIAIS

As populações tradicionais antigamente se formavam pequenos agrupamentos, encravados nas montanhas ou nos lugares de difícil acesso aos seus assentamentos. Estes pequenos grupos de assentamento são chamados de *llat* (pequeno agrupamento de casas sagradas) (*Figuras de 3 a 6*). Baseando nos assentamentos das casas tradicionais encontradas em Marobo, podemos afirmar que os *llat* são matrizes de assentamentos de grupos sociais formados desde o início das ocupações dos territórios. Com o aumento da população ao longo do tempo, os assentamentos foram se crescendo, ao redor dos *llat*, formando sucessivamente as pequenas aldeias e depois os *Sucos*.



Figura 03: *Ilat* (conjunto de casas sagradas) localizado no topo do monte *Ilat Laun*, Marobo, Bobonaro. Foto: Clamagirand, 1982.



Figura 04: *Ilat* “Tunu-Heru”, *Suco Ilat Laun*, Marobo, Bobonaro. Fonte: <https://id.ambafrance.org/Identitas-Wilayah-dan-Praktik>. Acesso em 02/02/2018.



Figura 05: Um dos *Ilat* em Marobo, *Suco Ilat Laun*. Foto: Rofino Resibere.

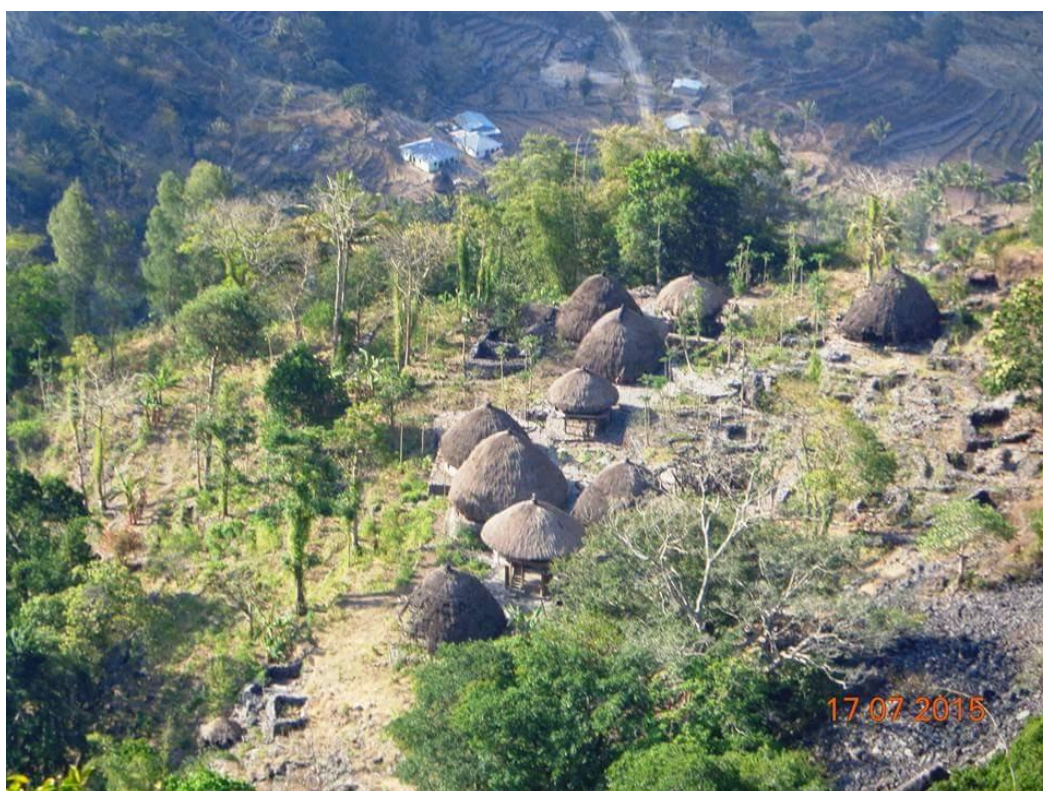


Figura 06: Um dos *Ilat* encontrado no *Suco Ilat Laun*, Marobo. Foto: Thomas Afonso.

Com os acontecimentos das guerras durante a ocupação da Indonésia até a independência do país, muitos *llat* foram deixados (figura 07) devido às evacuações forçadas pelos militares indonésios para a parte ocidental do Timor, atualmente Indonésia, grande parte das casas tradicionais nos *llat* e as demais construções modernas no território timorense foram destruídas e queimadas, após a eleição decisiva que levou o Timor-Leste a se tornar um país soberano, dando fim a invasão indonésia no território. Por conta destas tensões muitas casas tradicionais, sobretudo as casas sagradas, foram destruídas, algumas foram reconstruídas em seguida à independência do país, outras apresentam atualmente apenas as ruínas e as calçadas de pedras.



Figura 07: As casas sagradas abandonadas em *llat Lurun*, Ai-Aras, Suco Soilesu-Marobo. Foto: Romualdo Leto Mau.

As casas tradicionais podem ser divididas pelas suas funcionalidades em duas partes:

2.1 As Casas Sagradas (*Uma Lulik*)

A casa sagrada na língua *Tétum* “*Uma Lulik/Uma Lisan*”, ou casa da linhagem familiar, é a casa construída em coletividade entre as famílias da mesma linhagem, com a participação das demais linhagens próximas representando a identidade familiar dentro da comunidade (Figura 8).

“*Uma lulik*” que significa casa sagrada ou “*Uma Lisan*” que na expressão portuguesa significa casa de tradição ou santuário, onde a sua guarda e manutenção é entregue a um “*catuas*” ou velho em português, e ou uma velha do clã “*férik*” em expressão nativa *tétum*. ” (Belo 2008).

“As casas sagradas ou *uma lulik* são bem mais que uma edificação formalmente simples alçada com os materiais próprios da ecologia local, segundo os saberes tradicionais da construção artesanal. As *uma lulik* são expressão materializada do grupo familiar ao que representam, constituem a natureza do culto animista da região tradicional como cenário privilegiado da praxe ritual e das cerimônias. Além disso condensam, no espaço da sua estrutura arquitetônica, o entendimento do mundo dos timorenses, os valores sociais que presidem a vida da comunidade e a ordenação cultural da realidade, exprimindo sinteticamente a condição da identidade timorense.”. (Castro *et al.*, 2010).



Figura 08: Casas sagradas de Marobo. Fonte: Clamagirand 1982

“Na estrutura da habitação revela-se o simbolismo cósmico: a casa é a imagem do mundo, a sua cobertura é o Céu, o pilar ou poste principal é assimilado ao “eixo do mundo” que sustenta o imenso teto celeste e desempenha um papel ritual importante: é na sua base que têm lugar os sacrifícios em honra do ser supremo, Marômac (...). Toda a construção e inauguração de uma moradia equivalem a um começo, a uma nova vida: para que a obra dure e “viva” deve ser animada, isto é, deve receber ao mesmo tempo uma vida e uma alma. A transferência da alma só é possível pela via de um sacrifício sangrento. ” (Cinatti *et al.*,1987, 34) *apud* Sousa (2008: pág. 201).

A casa sagrada como mencionada, casa da tradição ou santuário, é um legado dos antepassados timorenses desde tempos imemoráveis, também é reconhecida fortemente na atualidade como uma das identidades nacionais do

país, devido à sua existência secular ou talvez milenar, carregando muitos significados e diversas funções na sociedade, sendo assim definida como:

“A casa sagrada ou *uma lulik* é um traço cultural da sociedade timorense que tem persistido na história, existindo desde antes da chegada dos portugueses, resistindo à ocupação da Indonésia e continuando até a data. As comunidades timorenses acreditam que através da construção da casa sagrada e dentro da casa sagrada podem comunicar e agradecer aos antepassados. Por outro lado, a sua existência reúne os membros da família que constrói a casa sagrada e também membros das comunidades. A existência das casas sagradas é um centro para quase todas atividades socio-culturais, ligadas à agricultura, educação não formal, política, as outras. Apesar das diversidades regionais, as casas sagradas estão presentes em todo o território de Timor Leste e têm um valor significativo comum de ligação entre gerações, relação com o divino e coesão das comunidades. ” (Correa, 2013).

“A uma lulik/ casa sagrada representa a continuidade no tempo da uma lisan, a família no sentido amplo ou a linhagem na linguagem antropológica. Expressa o vínculo entre os antepassados, a geração atual e a geração futura. É o espaço para celebração dos rituais e cerimônias que oferecem coerência interna aos grupos sociais. Também é o âmbito adequado para a comunicação e a comunhão com os antepassados. Mas em si mesma é a representação da ordem cosmovisiva. Trata-se de uma construção, mas sobre tudo de um conceito ou ideia, aglutinadora de símbolos, matriz de significados transcendentais e materialização de conteúdos espirituais.”. (As uma lulik de Ainaro, 2010).

Além de representar a continuidade de tempo, as casas sagradas revelam uma construção física, e simultaneamente uma categoria cultural, que comunica a presença de grupos sociais que perduram no tempo.

"A casa, como entidade física e categoria cultural, tem capacidade para proporcionar continuidade social. A memória de uma sucessão de casas, ou de uma sucessão dentro de uma casa, pode ser um índice de eventos importantes no passado. Igualmente importante é o papel da casa como um repositório de objetos ancestrais que fornecem evidências físicas de uma continuidade específica com o passado. São esses objetos armazenados dentro da casa que são um foco particular em

afirmar a continuidade com o passado." (Fox, 1993 *apud* Sousa, 2007).

Conforme mencionado, a casa sagrada representa a família ou a linhagem, ao comparar com as demais regiões no Timor. Em Marobo, as casas sagradas representam a identidade de cada linhagem, por duas casas sagradas (Figura 09), uma é chamada *Uma Timur* em língua nativa (casa Timor em português) e a outra *Uma Lako*. A *Uma Timur* tem sua estrutura semi-oval ou cônica, onde o telhado se fecha do alto até o chão, e *Uma Lako*, tem a mesma estrutura, porém o telhado se fecha apenas a parte superior, permitindo a entrada de ventilação. A *Uma Lako* costuma ser o local de encontro ou de reunião dos anciãos ou dos conhecedores da cultura, no qual eles discutem sobre os casamentos tradicionais e os demais assuntos necessários para os rituais e bem-estar de cada linhagem. Dentro da *Uma Timur* são guardados os objetos chamados Lulik (ou sagrados), onde normalmente acontecem os rituais de oferendas e comunicação com os antepassados (Comunicação Pessoal).



Figura 09: *Uma Lako*, à esquerda e *Uma Timur* em Suco Atuaben, Marobo, Bobonaro. Foto: Rofino Resibere.

As casas sagradas são frequentemente encontradas em conjuntos. Em Marobo, estas casas se concentram, no topo e nas pequenas saliências, do monte Ilat-Laun. Tais concentrações são de difíceis acesso e são longe do acesso as fontes das águas e alimentos para a subsistência das suas habitantes. De acordo com as narrativas locais, a localização dessas casas em lugares de difícil acesso estaria relacionada à defesa de ataques dos inimigos (Comunicação Pessoal).

Nas cerimônias ou nas práticas de costumes tradicionais sempre haviam trocas entre as linhagens que se reuniam para a realizar um evento, como a inauguração de uma casa sagrada ou de uma casa para moradia, de um casamento tradicional ou *barlaque* (em Tétum), bem como, em ritual funerário:

“Fá-se-ão entregas recíprocas de diferentes elementos, como objetos sagrados, animais, alimentos, que em muitos casos serão consumidos coletivamente segundo uma ordem hierárquica social e ritual, como parte da cerimônia. No caso do intercâmbio com os espíritos, a entrega consiste no sacrifício ritual ou bem na simbolização dos mesmos em diferentes intermediários”. (Castro *et al.*, 2010).

2.1.1 A construção/reconstrução da casa sagrada

A casa sagrada é um elemento que representa a característica e a identidade cultural de um grupo, assim como, de uma linhagem familiar e regional na sociedade timorense. A responsabilidade de construção/reconstrução da casa sagrada envolve todos os membros da linhagem, inclusive os membros, que por meio de casamento, fazem parte de outras casas pertencentes a outras linhagens.

A construção, bem como, a reconstrução de uma casa sagrada é um processo longo e demorado. Na região de Bobonaro, principalmente na comunidade *Kemak Marobo*, o trabalho para construção/reconstrução de casa sagrada envolve muitas pessoas, conforme mencionada anteriormente. O tempo para o planejamento e a preparação dos materiais gira em torno de um ano antes da construção/reconstrução.

O mesmo planejamento acontece com a comunidade *Mambae* (*um dos grupos etnolinguísticos do Timor-Leste*), o qual é apresentado por Silva (2017), durante suas pesquisas em campo, onde ela participou na inauguração da casa sagrada *Maun Aso* (no município de *Same*). Em suas conversas com os anciões locais citou três etapas de construção da casa sagrada:

- a. “A primeira etapa ocorre uma reunião entre os mais velhos para fazer o planejamento da construção, a distribuição das tarefas e a definição dos respectivos responsáveis. Ademais, é necessário pedir licença aos ancestrais para começar os trabalhos e fazer os sacrifícios indicados pelas autoridades locais que intermedeiam o mundo dos vivos, a natureza e os antepassados.
- b. Na segunda etapa ocorre a identificação e coleta dos materiais que serão usados. As narrativas sobre as construções indicam que os materiais usados no passado eram basicamente madeira, bambu, palha e cordas vegetais. Na atualidade, ocorrem substituições dos materiais usados na construção das casas sagradas, uma troca que recebe interpretações variadas. Para alguns, o uso de materiais considerados modernos, como o zinco e a alvenaria, reduz o número de pessoas necessárias e, conseqüentemente, envolvidas na construção. Com menos pessoas, diminui a dignidade da casa, aos olhos da comunidade de pertencimento. Nessa perspectiva, privilegia-se a renovação das trocas e alianças, e os processos relacionados à construção.
- c. A terceira é o tempo da construção da casa sagrada. Essa etapa envolve carpinteiros (aqueles que conhecem as técnicas de construção), os donos das palavras (os que se comunicam com os ancestrais) e as mulheres (responsáveis pela comida).
- d. A quarta fase é a inauguração cerimonial da casa sagrada. No caso da inauguração da casa sagrada *Maun Aso*, foram cinco dias de atividades.”.

As mesmas etapas acontecem com a comunidade em Marobo, porém há pequenas diferenças e detalhes que seriam necessários mencioná-los.

Entre as comunidades em Marobo, a construção/reconstrução das casas sagradas envolve as mesmas etapas, porém após a reunião entre os anciãos. Nesta fase são abatidos os animais, como os porcos e bois. Estes animais são distribuídos para todos os membros da casa; os *Uma Mane* recebem carne de

porco e os *Mane Foun*, recebem carne de boi, significando um aviso para a construção de tal casa, e que deveriam levar os animais e alimentos para a cerimônia da inauguração da casa sagrada até o final de sua construção/reconstrução (Figuras 10 a 12).

Além disso, todos os membros vinculados à casa sagrada que será construída serão convocados para a preparação de terreno, com a finalidade de plantar de alimentos para nutrir os membros que irão trabalhar ao longo do processo de sua construção.

Ao chegar na etapa final da construção, cabe a um membro visitar novamente os demais para informa-los sobre o dia em que ocorrerá a inauguração da casa sagrada.

Neste dia virão as pessoas trazendo porco, boi, cabra, outros alimentos (arroz, milho, biscoitos, pães), bebidas (vinho, cerveja e refrigerantes), *Tais* (tecido tradicional timorense), e os demais objetos de valor, como lua/disco de ouro (*belak*), figura 15.



Figura 10



Figura 11



Figura 12

Figuras 10 a 12 --- A casa sagrada da linhagem Elodasi, em construção

2.1.2 Os Animais Sacrificados na Cerimônia de Inauguração da Casa Sagrada

Os membros, que no aviso inicial receberam a carne de boi (os *Mane Foun*) levam porcos, e os que receberam a carne de porco (os *Uma Mane*) levam bois. Os filhos e as filhas dos *Uma Mane* e *Mane Foun* levam *Tais* e cabras.

As carnes destes animais, além de servir para o consumo durante a cerimônia são distribuídas cuidadosamente, os que levam bois recebem carne de porco e os que levam porcos recebem as carnes de boi, se por algum motivo, um membro receber algum tipo de carne por engano, ele tem direito de exigir o animal inteiro o tipo de carne que ele deveria ter recebido inicialmente, haja visto que isso poderia impactar a identidade de pertencimento da linhagem.

Além disso, os chifres de cabras e de bois, e a mandíbula dos porcos são afixados nos tetos internos das casas sagradas (figuras 13 e 14), o que representa a presença e a participação dos membros da linhagem na construção da casa sagrada.



Figura 13: Os chifres de cabras e mandíbulas de porcos, amarrados no teto interior da casa sagrada em Marobo. Foto: Tito Martinz.



Figura 14: Chifre de búfalo numa casa sagrada em Marobo. Foto: Tito Martinz.

2.1.3 As Casas de Moradia

As casas da moradia ou de residência são encontradas ao redor das casas sagradas. Particularmente nas casas da comunidade de Marobo pode-se observar que estão posicionadas próximas dos *llat*.

Existem diferenças entre as casas de moradia e as casas sagradas, mesmo que estas se assemelhem na sua estrutura de construção. Do ponto de vista da arquitetural, por exemplo, as casas de moradia são menores, pois não contemplam rituais nem cerimônias, demandando um menor número de pessoas e menos tempo em seu processo construtivo.

2.2 LINHAGEM FAMILIAR

Acreditamos que a família, na tradição timorense, é o elemento fundamental para compreensão da sociedade e de suas práticas culturais, portanto, é necessário discorrer um pouco sobre a sua ramificação familiar na

atualidade. Para isso, achamos necessário colocar aqui a descrição de Ângela Carrascalão em seu blog sobre “As Raízes de Timor”, no qual elabora um estudo sobre a comunidade de *Ramelau hun*, no distrito de Ainaro, Timor-Leste.

“À Sombra da família se desenham os destinos de uma comunidade. Primeiro num espaço restrito que se vai gradual e ordenadamente alargado, com a adesão de novos membros. Depois, são tantos, tão fortes e sólidos os laços e os interesses que ligam família a família, aldeia a aldeia, região a região que, rapidamente, o que poderia surgir apenas como solidez no âmbito estreito de uma família, se transforma no robustecimento de uma vasta comunidade harmônica e solidária entre si. Vindos de tempos imemoriais, os usos reiteradamente postos em prática, obedecendo a determinada organização baseada numa intrincada sequência de regras em que o dever e o direito são observados com o máximo rigor, foram-se multiplicando por vários núcleos, ampliaram-se e sedimentaram-se como costumes. Seguir um determinado costume geração após geração, também tem como objetivo criar maior harmonia social, melhor defesa da comunidade e maior poder econômico. A tudo isto se soma necessariamente mais solidariedade baseada na indispensabilidade de proteção e fortalecimento de estrutura familiar.

2.2.1. A Instituição Familiar na Organização da Sociedade, “Fetosan” (tomador da mulher) e “Uma Mane” (doador da mulher)

“Não se admire que em Timor-Leste todos sejamos primos, irmãos, parentes uns dos outros. Assim se traduz o conceito de Fetosan-Uma Mane que teia de afetos, de interesse e objetivos comuns, pacientemente construída, enriquecida por novos laços, novas uniões, cuja consequência, tempo após tempo, acaba por ser alargar os horizontes de abraçar o mundo.

Os tios, irmãos do pai e respectiva mulheres-são designados pais pelos filhos de pais irmãos e, em regra, filhos de pais irmãos são irmãos entre si, constituindo com os pais o bloco da árvore genealógica do “uma mane (doador) e os tios – irmã da mãe e seus maridos – são também pais pelos filhos das mães irmãs, logo, filhos de mães irmãs são irmãos entre si, embora permanecendo cada uma delas ligada ao “uma fukun” ou árvore genealógica do marido (“mane foun” ou

feto san”). Os sobrinhos, filhos de irmãos, já não chamam pais aos tios *mane foun* (tomador): às tias, irmãs do pai, tratam-nas por “*Ki’i*” e aos tios, maridos das tias, tratam-nos por “*bagi*”.

O termo “*bagi*” também se aplica no tratamento recíproco entre o tio “*bagi*” e os sobrinhos, filhos dos cunhados, *Uma Mane*.

Contrariamente, os filhos das irmãs tratam os tios (irmãos das mães) por “*Na’i*” e por “*Ina Bot*” as esposas destes.

Seguidamente, os primos (filhos dos irmãos das mães e filhos destas) tratam-se reciprocamente por “*rian*” que equivale a cunhado, abrindo a variabilidade do casamento dos filhos das irmãs com as filhas dos irmãos delas, por direito de natureza costumeira, o “*tunanga*”

Esta é a regra geral, porém, na prática, com a efetividade de uniões conjugais em teia de aranha, nem sempre os “*Uma Manes*” se apresentam como tal e os “*Mane Foun*” ou “*Feto sá*” de igual modo. Há momentos em que essa ordem se inverte dependendo das posições onde cada um deles se coloque”.

2.2.2. Casamento tradicional (Barlaque)

O casamento tradicional timorense acontece com o objetivo de manter a aliança familiar da mesma linhagem ancestral. A história de aliança em relação aos *Ema/Kemak* em Marobo – “No início, filhos de um irmão e de uma irmã se casavam livremente[...]a um casamento cruzado bilateral entre primos. Com a instalação das famílias em Marobo, teria havido a instituição dos *Mane Foun*. “Tomadores das mulheres” e *Uma Mane* “dadores das mulheres” ou que poderia significar domar os aliados traçar os círculos das alianças” (Clamagirand, 1982).

Em relação aos animais incorporados no casamento tradicional, o mesmo autor aponta que a carne sacrificada nessa ocasião se destinava para diferenciar os tomadores (*Fetosan*), comendo carne de porco e os doadores (*Uma Mane*), comendo carne de cabra. Cada um é capaz de seguir seu caminho (linhagem), um caminho “estrito” do qual ele não pode se desviar.

Podemos afirmar que o casamento é união entre os *Uma Mane* (doador) e *Fetosan* (tomador) de mulher, para manterem o ciclo da ligação familiar. A mulher de uma linhagem ou de uma família *Uma Mane* deve casar-se com homem da linhagem de *Fetosan*. Seguindo a tradição, o filho que por si só é *Fetosan*, deve procurar uma mulher da linhagem de *Uma Mane* (Comunicação Pessoal)

Entre os *Uma Mane* e *Fetosan*, “mulher doadora” e “mulher tomadora”, possuem uma ligação de parentesco no qual sempre é conhecida por todos ou pelo menos pelas pessoas de maior idade. Sabendo a sua linhagem e a sua ligação com as demais linhagens, evita-se que um homem ou uma mulher se apaixonem por uma pessoa da mesma linhagem. Segundo a tradição, não deve haver o casamento entre pessoas da mesma linhagem, pois a palavra “linhagem” é semelhante à família (Comunicação Pessoal).

O termo *Barlaque*, etimologicamente, segundo o Pe. Arthur Basílio de Sá, é formado por duas palavras. A palavra *Bere* (tomar) e *Laki* (marido). O termo mais clássico referente ao *Berlaki* (possivelmente do indonésio), do ponto de vista linguístico, é o *foli* (Valor), no sentido de elevar a dignidade da mulher e não no sentido monetário. Segundo ele, é um casamento celebrado pelos não cristãos (Sá, 1961 *apud* Paulinho, 2014).

“O “Barlaque” é antes de mais de nada, uma espécie de matriz de um pacto social para estabelecer e fortalecer os laços familiares da mesma linhagem genealógica. Nesse processo de pacto social que teve origem no complexo sistema do „barlaque”, vem a constituir-se uma futura relação duradoira, pois este sistema é, de facto, um dos instrumentos de uma interação entre famílias da mesma linhagem genealógica” (Paulinho, 2009 *apud* Paulinho 2014).

“Este pacto é feito entre dois grandes grupos de famílias conhecidas como *Feto-sá* (doadores de mulher) e *uma-mane* (receptores de mulher) desta maneira num estudo sobre as comunidades de *Makasae*, um dos grupos etnolinguísticos localizado na parte leste do território de Timor-Leste destaca que as “linhagens são consorciadas pelo casamento entre primos cruzados matrilineares. Toda a linhagem Makasae é configurada pelos grupos sociais similares, dos quais os mais importantes são o grupo “omarahe” (dadores de mulheres) e “tufumata” (receptores de mulheres) (Guterres, 2001). Acrescenta

ainda o autor que o “barlaque” suporta as trocas de “presentes e os bens matrimoniais dados pelos recebedores de mulheres, “tufumata”, aos dadores de mulheres, “omarahe”. Os presentes são uma compensação simbólica das canseiras da mãe da noiva. Os bens matrimoniais dados pelos “tufumata” são bens cerimoniais e animais: *lawa lebe* (disco de ouro), *si, gurnisa* (espadas antigas), búfalos e cavalos” (Guterres, 2001 *apud* Paulino, 2014).

“Já na tradição dos Mambae, o Barlaque na manutenção dos traços culturais como a base de uma continuidade da vida social, o que significa que se institui uma relação entre as famílias da noiva e as do noivo como um fator importante de distinção hierárquica das alianças” (Paulino, 2014)

Segundo Marc Augé (2000), as alianças por casamento são: “um casamento cria uma aliança entre dois grupos A e B. Os filhos do casamento podem estar ligados a um ou a outro desses grupos ou os aos dois em virtude da própria aliança matrimonial. Os símbolos que aludimos – os ossos, o sangue, a carne, a comida e a influência mística – diferenciam a incorporação permanente da incorporação parcial, que por outro lado distinguem a incorporação da aliança” (Marc Augé 2000 *apud* Paulino, 2009). Estas variáveis de alianças são visíveis nas sociedades timorenses (Paulino, 2009).

“Quer isto dizer que, a aliança por casamento foi inicialmente, uma das formas de preservar não só uma relação parentesco, mas também, “assegurar uma relação política e económica entre reinos” (Mendes, 2005). “Como uma matriz frequentemente “assimétrica e exogâmica”, isto é, ninguém vai casar com os seus parentes da mesma linhagem da “uma-lúlik” e no caso das comunidades étnicas do Bunak, há outra perspectiva da composição genealógica entre “umalúlik” que é chamado por “otó kael uen deu kael uen” que significa “uma-lúlik maun alin” em tétum; e em português significa “casas irmãs” (Sousa, 2010 *apud* Paulino, 2014).

“Mas a prática do “barlaque” é também uma circulação dos bens cerimoniais e é suporte de uma relação hierárquica de poder político e económico (Paulino, 2009). Isto é, há um paralelismo entre o casamento e a troca, mas na prática os princípios e objectivos fundamentais são diferentes” (Boavida, 1993 *apud* Paulino 2014).

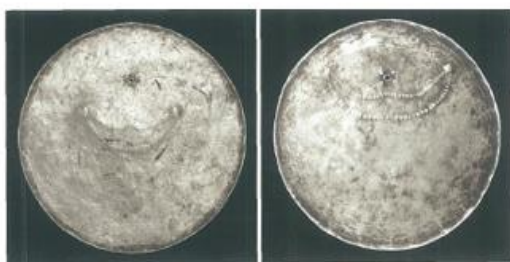
“Pode afirmar-se também que, a composição multiétnica constituída na base das alianças por casamento é uma aliança que pode ser um dos elementos fundamentais da identidade da nação” (Paulino 2014).

“A expressão *feto-sá-umane* ou *feto-sau-umane*, expressão equivalente a *feto-oan* – *na’i-hun*, deriva destes quatro elementos vocabulares: *feto* (mulher); *sau* (ligar-se, aparentar, consagrar; “*Uma*” (casa), família; *mane* (homem)” (Paulino, 2014).

“O Barlaque é uma tradição de simples contrato de troca de animais e objetos de valores entre os *Uma Mane* (Mulher Doador) e *Mane Heu* (Mulher Tomador), onde a linhagem da família do noivo (*fetosan*) trazem Luas de Ouro/Disco de Ouro (Belak), Bracelete (Teke), (figura 15), e os animais como cabras, búfalos, bois e dinheiro. Em troca dos elementos desses animais a família da noiva devolve porco em troca de Boi e búfalos e *Tais* (*um tecido típico timorense (figura 16)*) em troca de Luas de Ouro e Bracelete de Ouro ou de Prata. “O casamento entre os timorenses não é, todavia, uma instituição: reduz-se a um simples contrato em que a mulher é cedida pelos parentes em troca de búfalos, porcos, luas de ouro, manilhas de prata e uma espada de certo modo temperada que tem grande valor entre aquele povo.” (Castro, 1867 *apud* Centeno *et al.*, 2001).



Diadema (Tét. Kaebauk)



Disco de Ouro/Lua de Ouro (Tét. Belak)



Bracelete (Tét. Teke)

Figura 15: Objetos de valor usados nas cerimônias de casamento tradicional. Fonte: Centeno e Sousa, 2001.



Figura 16: *Tais*, o tecido tradicional de Timor-Leste. Fonte: <https://timorlestemerdeka.wordpress.com/2008/12/27/introdusaun-kona-ba-tais-timor/>.

O casamento tradicional timorense parece ser uma simples troca de animais ou os objetos de valores, porém tem apresentado uma conexão relativamente forte em relação à raiz da linhagem, sua ramificação familiar e sua dispersão dentro do clã ou fora dele, em contato com os demais clãs, em que havia o casamento entre os filhos de diferentes grupos étnicos.

“No entanto, a direção das contraprestações associadas ao casamento, tal como sucede aquando da reconstrução de casas ou da realização de funerais são similares, aos dos vizinhos Kemak. A Casa da mulher faculta os bens “femininos” – porcos e tecidos (roupa) – à Casa do marido, enquanto que está apresenta os bens “masculinos” – búfalos (actualmente são usadas vacas balinesas), ouro e prata na forma de discos belak (actualmente é usado, sobretudo, dinheiro)” (Sousa, 2010).

3. A COSMOVISÃO

“A cosmovisão timorense ordena-se sobre a ideia de equilíbrio entre o passado e o futuro, os antepassados e as gerações que virão, os poderes sobrenaturais e os humanos, o mundo dos vivos e dos mortos. Este equilíbrio deve ser renovado, fortalecido e restaurado periodicamente no ciclo ritual. Na celebração coletiva de cerimônias e dos rituais atualizam-se e interpretam-se os veículos da comunidade e a sua comunhão com a natureza e com os antepassados. As *Uma Lulik* são o cenário privilegiado e obrigado destas celebrações como espaço ritual essencial. Essas cerimônias funcionam como vínculo e como recordação do passado, da história compartilhada, e da inerente relação dos vivos com os antepassados falecidos e as gerações futuras neste entendimento do tempo e do devir da linhagem” (As *Uma Lulik* de Ainaro, 2010).

“A religião tradicional gravita sobre a vinculação entre todas as entidades da terra, animadas e inanimadas, vivas e mortas que procedem todas da mesma origem mítica, um deus originário, o primeiro motor do mundo em sentido aristotélico, que criou as deidades originárias, o Pai Sol e a Mãe Terra origem de todos os demais. Desta maneira a relação entre os vivos e os mortos, os

antepassados e a vinculação entre todos os seres humanos e os entes naturais e sobrenaturais é a base de um culto tradicional promovido sobre a propiciação da fertilidade como elemento constitutivo essencial para a vida humana. Nesta disposição, a adoração produz-se no âmbito familiar, a *uma lisan*, entendida no sentido da linhagem extensa à qual são adstritas as pessoas por nascimento ou por casamento, e da qual também fazem parte aos antecedentes e os ainda não nascidos, na reunião dos diferentes níveis da realidade: o ultramundo e o mundo sensível. Portanto, a *uma lulik* é o emblema da continuidade entre todos os âmbitos da realidade e entre os diferentes tempos que estabelecem o continuum da existência” (As Uma Lulik de Ainaro, 2010).

“Na estrutura da habitação revela-se o simbolismo cósmico: a casa é a imagem do mundo, a sua cobertura é o Céu, o pilar ou poste principal é assimilado ao “eixo do mundo” que sustenta o imenso teto celeste e desempenha um papel ritual importante: é na sua base que têm lugar os sacrifícios em honra do ser supremo, Marômac (...) Toda a construção e inauguração de uma moradia equivalem a um começo, a uma nova vida: para que a obra dure e “viva” deve ser animada, isto é, deve receber ao mesmo tempo uma vida e uma alma. A transferência da alma só é possível pela via de um sacrifício sangrento” (Cinatti *et al.*, 1987 *apud* Sousa, 2008).

4. HISTORIOGRAFIA DA FAUNA EM TIMOR LESTE

Cada região no mundo possui sua fauna e flora particulares, e ao mesmo tempo, os animais da mesma espécie que nos dias de hoje são encontrados em quase todos os cantos do mundo, devido as interações e contatos entre um povo e outro. Não é diferente o que acontece em Timor-Leste, um país no qual os animais representam um elemento fundamental na realização das suas atividades tradicionais. A maioria desses animais, historiograficamente falando, não são nativos da região, migraram das ilhas indonésias, bem como, foram trazidos de fora pelos comerciantes e colonizadores (Figueiredo, 2004).

Portanto, aqui tentaremos sintetizar as origens desses animais encontrados em Timor-Leste, segundo os relatos historiográficos e arqueológicos realizados ao longo dos últimos tempos.

Segundo o naturalista britânico Alfred Russel Wallace, na segunda metade do século XIX, “com base nos dados da fauna e flora, julgou poder demarcar a Ásia e a Oceania por uma linha que passava entre Bornéu e as Celebes e entre Bali e Lombok, e que ficou a designar-se pelo seu nome. A divisão coincidia com os limites da plataforma continental da Sunda e marcava os termos em terras que, durante os períodos glaciais, estavam ligados ao continente asiático. Timor ficava, portanto, fora desta parte, sendo incluída na chamada Região Australiana. Ao contrário, a linha de Weber, adoptada também por alguns autores, colocava a ilha dentro da designada Região Oriental. Mas, com o tempo, veio a verificar-se que não havia um limite tão nítido. Com efeito, zologicamente, timor situa-se numa região transição, com espécies claramente asiáticas (macacos, veados, etc.) e outras de influência australiana (“meda”, cacatua, pombos diversos, etc.), diminuindo todas de quantidade à medida que aumenta a distância em relação a sua proveniência.

Esta divisão parece justificar a relativa pobreza da fauna de Timor, não se encontrado ali os grandes mamíferos asiáticos, como o tigre e o elefante, nem a maior parte das espécies exóticas australianas. Por outro lado, alguns animais superiores, como o búfalo, o boi e o cavalo, parecem terem sido importados, havendo sofrido algumas modificações devido às condições mesológicas a que ficaram sujeitos no território” (Figueiredo, 2004).

Figueiredo, na sua tese de doutorado apresentou em seu primeiro capítulo, considerações sobre os animais existentes em Timor-Leste e suas origens, como classificados a seguir:

1. Mamíferos

Entre as principais espécies pertencentes a esta classe zoológica, as quais poderiam ser encontradas em Timor-Leste, destacam-se:

“O búfalo asiático (figura 17), a mais importante do ponto de vista económico, era criado pelos indígenas, que o utilizavam no amanho das várzeas e na alimentação, principalmente em ocasiões festivas.



Figura 17: Búfalo atual ocorrente em Timor-Leste. Fonte: <http://economia-tl.blogspot.com.br/2012/09/historia-ou-estorinha-do-emblema-do.html>.

Acessado em: 22/02/2018.

O boi (figura 18), importado de Java e de Bali, introduzido tardiamente pela colonização europeia, no século XIX, destinava-se sobretudo ao abate para alimentação.



Figura 18: O boi Balinês em Timor-Leste. Fonte: <https://www.maf-uk.org/story/how-a-plane-helps-struggling-farmers-in-timor-leste>. Acessado em: 23/01/2018.

O cavalo (*Equus caballus asiaticus*), conhecido localmente como “kuda”, terá sido levado pelos indianos para Java, no século IV, e dali passado a Timor. É pequeno, nervoso, mas muito resistente e seguro de cascos, e o que o tornava um meio ideal de transporte para o acidentado terreno da ilha. Viria a ser também, pontualmente um produto de exportação.

O porco era uma espécie muito abundante. Criado pelos indígenas, de forma pouco cuidada, não atingia grandes dimensões. Todavia, constituía um importante recurso alimentar. Nas planícies aparecia por vezes uma espécie selvagem, o porco-veado (*Babirusa alfurus*).

O veado (*cervus peromii*), de que se conheciam três espécies, era vulgar nas zonas baixas e nas altitudes medias. O macaco (*Macacus cynologus*), de pequena estatura, abundava nas matas e nas proximidades, das grandes ribeiras. Por sua vez, o “Laco” (*Paradoxurus mussanga*), de cor negra, semelhante a um gato pequeno de farta cauda, vivia nas regiões de café, cujas bagas maduras engolia, digerindo a polpa e expelindo o grão que germinando rapidamente, dava o gostoso, “café de laco”.

A “meda” (*Phalanger orientalis*) é uma variedade de marsupial que se encontrava nas planícies de costa sul, evidenciando a transição para a fauna Australiana.

O cão e o gato domésticos abundavam no território, existindo deste último uma variedade selvagem, o gato do mato (*Felis megalotis*).

O morcego (*Pteropus edulis*, de grande tamanho, existia aos milhares, principalmente sobre os coilões (pântanos) de foz das ribeiras na costa sul.

A cabra e a ovelha, a última introduzida pela colonização europeia no século XVII, tornaram-se mais numerosas à medida que se desenvolvia a pecuária. Enquanto a cabra se estendia por todo o território, a ovelha encontrava-se sobretudo na zona leste. A carne e leite constituíam recursos de consumo local. As peles exportam-se.

2. Aves

Sem registrar a exuberância de outros territórios vizinhos, nomeadamente das Molucas e da Nova Guiné, Timor possuía muitas espécies avícolas. Eram vulgares as cacatuas brancas (*Catatua sulphurea*) com crista amarela, e os “loricos” (*Lorius gárrulos*), periquitos de corre berrantes, ambos facilmente domesticáveis.

Os pombos e as rolas eram muito abundantes. Dos primeiros, existiam quatro variedades; das segundas, havia três, uma das quais, de cor verde, preferia os bosques.

Os patos bravos apareciam nas lagoas e nas planícies alagadas junto à costa, principalmente no litoral sul.

Das aves de rapina, eram conhecidas pelo menos quatro variedades. Havia também a coruja (*Noctua hantu*), objeto de crendices por parte dos nativos, a codorniz, que vivia nas planícies, e aves granívoras e insectívoras, de forma generalizada.

Os galináceos, de pequeno porte, existiam por toda a parte, sendo criados em completa liberdade. Dentre eles, os galos, de bela plumagem, tornavam-se objeto de especial atenção por parte dos indígenas, que deles procuravam fazer

uma fonte de rendimento e distração, em renhidas lutas. Havia também perus e patos. Em algumas regiões arborizadas existiam galinhas bravas (*Gallus ferrugineus* ou *bankiva*).

3. Répteis

O crocodilo (*Crocodilus hiporccatus*), um dos símbolos de Timor, vivia nas grandes ribeiras, sendo arrastado pelos fortes correntes até ao mar, na época das cheias, encontrando-se nas praias alguns exemplares de maior ou menor tamanho.

A cobra piton (*Piton reticulatus*) era o maior animal do território, chegando a atingir vários metros. Aparecia nos brejos e pauis da costa sul. Além desta, existiam outras variedades, algumas venenosas como a *Trimesurus* e a cobra chumbo.

O "toque" (*Platydictilus gottutus*), cujo nome deriva da onomatopeia das séries periódicas de sons que emite, é um lagarto de cerca de um palmo de comprimento, existente em toda a ilha, vivendo nas paredes e tectos das habitações e nas árvores, sendo comedor de insectos e, por isso, considerado de muita utilidade. Existiam também outros lagartos, nomeadamente um voador, e grande variedade de lagartixas" (Figueiredo, 2004).

Segundo os relatos arqueológicos, afirma -se que o aparecimento dos primeiros cerâmicos e animais domesticados em Timor-Leste, datado aproximadamente 3800-3600 BP (Oliveira 2004 *apud* Spriggs *et al.*, 2003; O'Connor, 2006).

A escavação de um local de 10 metros quadrados e a profundidade máxima mais de 1 metro, realizada por Glover num sítio chamado Bui Ceri Uato 4, localizado no Distrito de Baucau, encontrou um osso de Capra/ Ovis Spp. Abaixo das camadas da cerâmica a evidencia para os animais domésticos incluí cães e bovídeos (cerca de 3500 BP), Porcos (cerca de 2500 BP) e cabras/ovelhas (cerca de 1500 BP) (Oliveira, 2008 *apud* Glover, 1986).

Numa outra escavação realizada pelo mesmo autor na região de Venilale, com 6 metros de quadrado e profundidade máximo 4,6 metros, foi identificado no horizonte VII um único dente de porco e outro de cabra/ovelha. O porco é mais comum do horizonte VIII, e sua introdução é datada entre 5000 e 4000 uncal BP (Glover, 1986). E um possível osso de cachorro foi encontrado abaixo

de ANU239, o mesmo horizonte no qual a primeira evidência de cabra / ovelha está presente (Oliveira, 2008 *apud* Glover, 1986).

É importante citar aqui o relato de Italiano, Antonio Pigaffeta, membro de “first circum navigation of the globe” numa expedição sob o comando de Juan Sebastian Elcano depois da morte de Magalhães em Cebu em 1521. Em 26 de Janeiro 1522 De Elcano Liderou a expedição chegou a ilha de Timor. Ao chegar a ilha de Timor, ao assentamento de La Quero, o “Lanqueiro” dos registros portugueses posteriores situado a leste de Cutubaba.

As observações de Pigaffeta em Timor-Leste serão citadas na íntegra: “Eu desci a terra sozinha para falar com o chefe de um lugar chamado Amaban, para pedir que ele fornecesse comida. Ele me disse que me daria búfalos, porcos e cabras, mas búfalos. Como tínhamos algumas coisas, e a fome nos forçou de outra aldeia chamada Balibo como resgate. Por medo de matá-lo, ele imediatamente nos deu seis búfalos, cinco cabras e dois porcos; a fim de cumprir o número de dez porcos e dez cabras (que exigimos), eles nos deram outro búfalo. Assim, estabelecemos as condições. Posteriormente, enviamos-lhe a costa muito contente com linho, seda e algodão indianos, machados, facas indianas, tesouras, espelhos e facas. O chefe com quem eu fui falar só tinha mulheres para servi-lo. [As mulheres] ficam nuas, assim como as outras [mulheres em outras ilhas]. Em seus ouvidos, eles usam pequenos brincos de ouro com escovas penduradas ao lado. Em seus braços, eles usam muitos braceletes de ouro e cobre amarelo até o cotovelo. Os homens vão como a mulher, além de que eles pendem certos objetos dourados, arredondados como um prato, ao redor de seus pescoços, e que eles usam hastes de abóbora seca em seus ouvidos em vez de anéis dourados.

O sândalo branco é encontrado em sua ilha. E em nenhum outro lugar. [Há também] gengibre, búfalos, porcos, galinhas de cabra, figos, bananas [bananas pequenas], cana-de-açúcar, laranjas, limões, cera de abelha, amêndoas, feijão marrom e outras coisas encontradas, bem como papagaios em várias calouras. Do outro lado da ilha. São quatro Irmãos que são reis da ilha. Onde estávamos, havia assentamentos e vários chefes. Os nomes das quatro residências dos reis são os seguintes: Oibich, Lichsana, Suai e Cabanaza. Oibich é o maior.

Em cabanaza, um pouco de ouro foi encontrado em uma montanha, de acordo com a informação dada a nós, e seus habitantes realizam todas as suas

compras com pequenos pedaços de ouro. Todo o sândalo e a cera de abelha, que é negociado para o nativo de Java e Malaca, são negociados neste trimestre. Encontramos aqui um desperdício de Luzon que tinha vindo aqui para comprar sândalo. Essas pessoas são pagãs. Quando eles saem para cair árvores de sandália, o diabo, como nos disseram, aparece em várias formas e diz a eles, se houver algo necessário, eles devem perguntar a ele. Como consequência dessa aparência, eles ficaram doentes por alguns dias. O sândalo está caindo em uma certa fase da lua, caso contrário, não será bom. A mercadoria que é valiosa para o comércio de sândalo é pano vermelho, linho, machados, ferro e espigas. Este interior é habitado em todas as partes e stretches em uma grande distância do Leste para o oeste, mas não é muito amplo no norte e sul” (Pigaffeta *in* Hägerdal, 2012).

Pelo relato em cima apresentado menciona-se os animais como búfalo, porcos cabras e galinhas, estes são os animais utilizados nos rituais e cerimônias tradicionais timorenses.

Dando a certeza de que estes animais não foram introduzidos pelos portugueses durante a colonização, contudo possivelmente foram introduzidos pelos comerciantes que chegaram à ilha antes dos colonizadores europeus.

5. A IMPORTÂNCIA DOS ANIMAIS NAS PRÁTICAS CULTURAIS DO POVO TIMORENSE

Os costumes e as práticas rituais do povo timorense não são práticas novas no país nem são resultados dos recentes contatos com os povos estrangeiros, nas ilhas vizinhas ou distantes. Ainda é impossível no presente trabalho afirmar com exatidão sobre o surgimento destes costumes, porém sem nenhuma dúvida pode-se dizer que são práticas que vêm passando de geração a geração desde muito tempo, prosseguindo com um legado que não se pode deixar de conhecer e praticar, pois além de ser um costume, envolvendo uma crença sobre a existência de uma vida após a morte, existe no mesmo espaço com os vivos principalmente nas casas sagradas e os locais que são chamados de sagrados como nas árvores seculares, nas cavernas, nos altares construídos nas proximidades das casas sagradas e em qualquer lugar nas roças ou num terreno pertencente a uma linhagem familiar.

Como estamos trabalhando sobre a presença dos animais nos rituais, é importante ressaltar aqui as memórias segundo a inocente ideia da minha infância *in loco*, onde observávamos que os animais são elementos importantes em quaisquer ocorrências rituais, tanto os que acontecem nas casas sagradas como fora destas em lugares denominados *Lulik*. Para irmos um pouco mais além da superficialidade de conhecimento sobre o envolvimento dos animais nos rituais praticados em Timor-Leste, é importante a elaboração de alguns dos rituais apresentados a seguir:

5.1 Ritual de Imploração (invocação) pela chuva ou sol

O clima de Timor é tropical, isto é, tem duas estações, uma seca e outra chuva. A estação seca de junho a outubro e a estação chuva de novembro a maio. Segundo (Figueiredo 2004), a estação de chuva em Timor Leste se divide em; da região norte da cordilheira central, há apenas uma época das chuvas, entre outubro e maio. A sul, há duas: uma de dezembro a fins de março e outra de maio até finais de julho ou meados de agosto.

Os rituais de imploração pela chuva acontecem enquanto a chuva tardar ou ultrapassar a sua estação normal. Em geral o outubro é o mês que começa a chover, pois para os agricultores se preparam para a plantação de milho, arroz e as demais plantações.

Neste período, a demora da chegada da chuva causara a extrema seca e dando problemas aos animais devido à falta de água e ervas nas pastagens. Dificultando também o acesso de água potável, fazendo com que os moradores andaram por quilômetros para poder buscar a água.

Segundo os saberes locais, o mês de abril e maio é o fim da estação da chuva dando oportunidade para os agricultores realizam colheita das suas plantações. Se a chuva ultrapassar esses dois meses pode causar danos as colheitas. Para evitar que isso aconteça, normalmente é feito rituais para imploração pela chuva, fazendo uma oferenda pedindo a mãe da natureza para que parasse a chuva, possibilitando assim, os agricultores fazem colheita das suas plantações de arroz, milho e as demais plantações.

O ritual de imploração pela vinda da chuva acontece quando a chuva não vier depois do período esperado, o mês onde se inicia a estação da chuva. Neste caso os conhecedores do ritual principalmente os idosos da população se

reunirem para ir aos lugares sagrados para efetuarem o ritual. Depois de chegar no local, o ancião fazer um tipo de comunicação com à natureza ou com Deus (divindade que tem força sobre a natureza) e simultaneamente segurando a galinha fazendo um gesto de oferecer a natureza/Deus, em seguida pegar duas folhas de *betel* (*uma folha com formato de coração*) e duas nozes de *areca* (*Figura 19*). Feito isso pede para que cortasse o galo ou galinha no pescoço para tirar a sangue e molhar nas folhas e noz de areca e deixe os no local. O procedimento seguinte é abrir o galo/galinha para tirar o intestino e pâncreas de galinha para ver como é a resposta da natureza.



Figura 19: Betel (folha) e areca (noz). Foto: Renata Nogueira da Silva, 2016.

Para este ritual levarem um galo, de preferência de cor preta, para fazer oferenda a natureza implorando a chuva. O galo normalmente é morto e depois é tirado o intestino junto com a pâncreas. Com o conhecimento específico dos anciões, a partir destes órgãos do galo podem predizer se a chuva está por vir ou devido a algum erro cometido por homens contra a natureza (por exemplo cortar o bambu ou arvores nos lugares sagrados/proibidos) por isso a natureza não deixou cair a chuva.

Sabendo disso, é necessário um outro galo ou galinha para fazer o ritual chamado “*Uku peri oa curan*” (Língua Kemak) que significa cobrir os bambos cortados, um gesto de pedir perdão a natureza.

O mesmo ritual acontece com a imploração para parar a chuva ou imploração pela época de sol ou verão. Neste ritual, é levado um galo/galinha, de preferência da cor vermelha aos lugares sagrados (especificamente lugares para comunicação com a natureza em prol de pedir a chuva ou sol). Os procedimentos de ritual é o mesmo que os de ritual para a imploração pela chuva só difere na cor do galo/galinha para oferenda e possível diferença nas comunicações/orações feito por ancião.

5.2 Tara bando “costume de proibição das plantações”

Existe em Timor-Leste um sistema judiciário tradicional que permite a resolução de problemas familiares, ou problemas da comunidade dentro de um suco ou aldeia. Este é o sistema que regula as pequenas regras dentro da comunidade. Uma desta sistema judiciário tradicional é o “*tara bando*”.

O termo “tara bando” é do (Língua Tetúm), “*gelo ai tahan*” (Língua kemak), a tradução literal de “gelo ai tahan” seria pendurar as folhas. É o costume tradicional criada com normas e certas proibições com a finalidade de proteger as propriedades e plantações de cada família dentro da comunidade. Este acontece uma vez por ano, num período sazonal onde as plantações estão a gerar resultados.

Este é o sistema que protege as propriedades individuais e coletivas por exemplo as plantações nas roças ou nas *abat* (*Figura 20*) (O conjunto das plantações os quais predominam as plantações de *betel*, pés de nozes de areca, e as outras plantações frutíferas, próximo a uma fonte de água onde os proprietários deste é coletivos com as pequenas demarcações denominaram às casas de linhagens).



Figura 20: Abat, Hue Marobo. Foto: Romualdo Leto Mau

Este costume de *tara bando* proíbe as pessoas apanhar as coisas de propriedade de outras pessoas, proibindo assim, o roubo dentro da comunidade e oferecendo justa punição a quem violasse alguma regra.

A participação de cada família nesta cerimônia é a maneira de propagar a informação sobre o estabelecimento de *tara bando* para toda a comunidade evitando que ninguém ficaria sem saber de tal funcionamento evitando o risco de pegar as coisas arbitrariamente.

Portanto, antes que estabelecesse esta regra para toda a comunidade, é convocado cada membro da família a participar na cerimônia de *tara bando*.

Cada família participa na contribuição para a compra de animais e alimentos utilizados no dia desta cerimônia

Os animais normalmente utilizados para esta cerimônia são os animais de médio porte como cachorro, porco e cabra.

Estes animais, antes de serem consumidos, foram feitas as oferendas com pequenas partes principais do animal junto com arroz e são levados ao lugar *lulik* (sagrado) dentro de *abat*. Ali são feitos os rituais, onde são avisados e entregados ao *rai na'in* (donos da terra), espírito da natureza, ou aos poderes sobrenaturais os quais acreditam que tomam conta sobre *abat*.

As Patas, chifres e mandíbulas desses animais são utilizadas junto com cada ramo das plantações, que seu consumo seria proibido durante o período de *tara-bando*, são amarradas nos postes de madeira e depois serão colocadas nos lugares visíveis ao público para que todos que ali passam, possam ver.

Depois da cerimônia de *tara bando*, se alguém apanhasse alguma coisa de propriedade de outras pessoas seria punida. O suspeito deste caso deve pagar como retribuição pelo crime cometido, um cachorro, um porco e uma cabra/cabrito, se não os tiver pode retribuir em forma de dinheiro.

5.3 Cerimônia de Ritual Funerário

Os timorenses culturalmente têm valorizado muito as pessoas dentro da sociedade principalmente nas casas sagradas e suas linhagens familiares. As pessoas são como um dos elementos principais dentro do universo que envolve as casas sagradas, as pessoas vivas e os antepassados, ou os que já foram além do mundo dos vivos. É necessário manter-se vivo e atualizado o relacionamento entre os vivos com os antepassados e suas casas de linhagem. Deste modo é celebrado muitas cerimônias e rituais como sinais de um relacionamento contínuo.

Quando alguém da família morre, principalmente alguém idoso cujo filhos já são casados, a exigência é maior, comparando com o ritual funerário de uma pessoa que não tem filhos ou uma pessoa mais jovem. Para a pessoa que tem filhos, a família do morto exige que cada filho traga um porco de maior tamanho, no caso dos homens, e boi ou búfalo no caso das mulheres/filhas. Além disso as pessoas das outras linhagens tanto da linhagem de “tomador de mulher” como da linhagem “doador de mulher” trazem boi ou búfalo para os *Uma Mane* ou “doador de mulher” e os *Fetosan* ou “tomador de mulher”, os porcos, nas linhagens mais próximas. Além dos animais, os alimentos e os demais elementos de valor como, o *Tais*, o Belak, o Keke (o bracelete de ouro ou prata) são conduzidos ao velório.

Quando alguém morre são celebrados vários tipos de cerimônia: cerimônia funerária, cerimonia *aifunan moruk* (tradução literal: flor amarga),

acontece uma semana depois de enterro, cerimônia *aifunan midar* (tradução literal: flor doce), acontece 40 dias depois do enterro e cerimônia Kore Metan (desluto), que acontece um ano depois do enterro juntamente com a cerimônia de inauguração da casa do morto ou cemitério.

Entre estas cerimônias, a cerimônia de funeral e o desluto são as maiores, comparando-se com as demais, pois tem a maior participação das pessoas, ou melhor dizendo, quase todos os familiares estão presentes. A quantidade de animais sacrificados é maior nessas cerimônias e naquelas de inauguração do cemitério (figura 20).



Figura 21: Animais abatidos na cerimônia da inauguração do cemitério em Aiaras-Marob, casa da linhagem chamada “Bere Boten”. Foto: Rofino Resibere.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho pudemos observar que as casas sagradas são elementos fundamentais dentro da sociedade timorenses, representando as identidades familiares e as suas relações de vínculo com as demais linhagens familiares. Este vínculo é tão forte e importante que impacta diretamente nos relacionamentos entre estas casas sagradas a partir de casamento. Os esforços

para manter o vínculo entre as famílias, principalmente àquelas de mesma ancestralidade; é intensa a demanda, as exigências e participação de todos nos rituais e cerimônias tradicionais.

A presença dos animais neste vínculo familiar é indispensável como um elemento comprometedor para a partição e consolidação de relacionamento entre os membros familiares de mesma ancestralidade, como aqueles do bloco *Fetosan* e de *Uma Mane*. A participação dos membros, principalmente nas cerimônias de inauguração da casa sagrada, funeral, celebração após um ano de funeral e de casamento são importantes para as comunidades pois garante um reconhecimento entre as famílias, suas origens e suas ramificações, facilitando assim, cada um a reconhecer e traçar sua linhagem ancestral.

Cerimônias como estas permitem que os membros se conheçam, diferenciando grupos de cada bloco, *Uma Mane* e *Fetosan*. Este reconhecimento é necessário para evitar um casamento entre as pessoas da mesma linhagem ancestral.

É possível afirmarmos que essas cerimônias e rituais nas casas sagradas possuam dois significados: o primeiro, para manter o vínculo e a consolidação de relacionamento entre os membros das casas pertencentes às linhagens e o segundo, manter o mesmo vínculo com as ancestralidades que compartilham do mesmo espaço, que é a casa sagrada.

Um dos elementos mais importantes, presentes em vários momentos cerimoniais é o animal. O envolvimento dos animais dentro das cerimônias tradicionais é crucial e apresenta, ao nosso ver, vários significados, primeiramente pela demonstração de riqueza e poder. Tanto os *Uma Mane* como os *Fetosan* almejam o reconhecimento de todos pelo tamanho e partes dos animais, principalmente os chifres de boi, búfalo e cabritos, os quais são levados para as cerimônias, como também, pela quantidade de recursos financeiros (dinheiro). A representação de poder se materializa nos chifres e ossos de mandíbula decorando internamente as casas sagradas. Além disso, esses elementos ósseos e os chifres presentes nas casas sagradas também apresentam um significado de guardiões de tal casa contra os ataques maléficos.

A participação dos animais nos rituais demonstra uma vinculação criada entre os humanos e a mãe natureza. Os rituais servem como um meio de interação com natureza, sejam eles para pedir licença, proteção, ou para implorar algo. As oferendas dos animais neste caso, consolidam o relacionamento entre os dois mundos, mundo sobre os humanos e mundo sobre os naturais, e ao mesmo tempo, os animais servem como uma demonstração de desculpas sobre os erros humanos cometidos contra a lei da natureza.

Ficou evidente nesta pesquisa a necessidade de um estudo mais aprofundado *in locu*, com o emprego integrado de diversas disciplinas, tanto antropológicas como arqueológicas.

Esperamos que este trabalho introdutório possa ser oportuno para os jovens timorenses, abrindo espaço em diversos campos de investigação científica e proporcionando o desenvolvimento acadêmico de forma integrada no Timor-Leste.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AS UMA LULIK DE AINARO. **Identidades sociais e rituais em Timor-Leste**. Dili, Timor-Leste, 2010. 70p. (exposição). Disponível na internet. [Http://www.anthroponet.org/umalulik](http://www.anthroponet.org/umalulik). Acesso em: 04 de nov. 2017.
2. BELO, Maria de Carvalho. **Para um didática do conto timorense**. 2008. Tese de Doutorado. Universidade da Beira Interior.
3. CASTRO, Alberto Fidalgo. A Religião em Timor-Leste apartir de uma Perspectiva Histórico-Antropológica. In: **Léxico Fataluco-Português**. Salesianos de Dom Bosco Timor-Leste, 2012.
4. CORREIA, Januário de. **Construção de casas sagradas (Uma Lulik) na sociedade timorense: uma perspetiva sobre o desenvolvimento e o turismo comunitário no distrito de Baucau**. 2013. Tese de Doutorado.
5. DE CASTRO, Afonso. As possessões portuguesas na Oceania, 1867. In: CENTENO, Rui e SOUSA, Ivo. **Uma Lulik Timur, Casas Sagradas de Oriente, 2001** (Exposição no Edifício da Alfandega do Porto).
6. FIGUEIREDO, Fernando Augusto. Timor: a presença portuguesa (1769-1945). 2004.
7. GÁRATE CASTRO, L. A.; DE ASSIS, C. **Património cultural de Timor-Leste. As uma lulik do distrito de Ainaro**. 2010.
8. HÄGERDAL, Hans. **Lords of the Land, Lords of the Sea: Conflict and adaptation in early colonial Timor, 1600-1800**. 2012.

9. OLIVEIRA, Nuno Vasco da Silva Miranda. **Subsistence Archaeobotany: Food Production and the Agricultural Transition in East Timor**, 2008.
10. PAULINO, Vicente. **Da composição multiétnica de Timor-Leste**. 2014. In Revista Veritas, vol. 2 n° 3 (pp.7-25, Dili: PGP-UNTL.
11. PRISTA, Marta Lalanda. Construção do patrimônio arquitetônico colonial em timor leste e identidade nacional (2003/2004). In; **Diversidade Cultural na Construção da Nação e do Estado em Timor-Leste**.
12. RENARD-CLAMAGIRAND, Brigitte. **Marobo: une société ema de Timor**. Peeters Publishers, 1982.
13. SILVA, Renata Nogueira. **De Cultura a patrimônio: Uma Lulik** no Timor-Leste pós-colonial e seus efeitos na reprodução social, 2017.
14. SOUSA, Lúcio. **An tia: partilha ritual e organização social entre os Bunak de Lamak Hitu**, Bobonaro, Timor-Leste. 2010.
15. Raiz de Timor, Disponível em:
<http://timor2006.blogspot.com.br/2006/12/razes-de-timor.html>.